



Literatura

Prima de Babes de Mar cu fura

Coletânea de contos goeses

Apresentação

PAUL MELO E CASTRO*
DUARTE DRUMOND BRAGA**
HÉLDER GARMES***

Goa foi e é uma sociedade multilíngue. Se todas as ex-colônias portuguesas apresentam um poliglotismo que contradiz os antigos intentos centralizadores da metrópole, por vezes continuados por um neocolonialismo disfarçado de “lusofonia”, Goa sobressai no panorama literário das antigas possessões lusas por ter, de longa data, uma produção escrita em vários idiomas, sendo os mais importantes o concani, o marata, o português e, mais recentemente, o inglês. Quem almeja entender o universo literário goês precisa levar em conta não só uma única língua, mas as relações de poder estabelecidas entre elas e as invisibilidades geradas por perspectivas monoglóticas. Fora das relações, paralelismos e descontinuidades com as literaturas em outras línguas, a literatura goesa de língua portuguesa revela-se parcial, empobrecida, tendenciosa.

No que concerne ao português, houve em Goa a sistemática publicação de textos desde o século XVI até o século XXI, ainda que sofrendo algumas interrupções. Durante a presença portuguesa (1510-1961), o idioma do colonizador

* Professor na University of Leeds.

** Pós-doutorando na Universidade de São Paulo.

*** Professor na Universidade de São Paulo.

dominou institucionalmente. Sem nunca ter sido falado por mais de dez por cento da população – e aqui notamos a inoperabilidade do conceito algo eurocêntrico de “língua mãe” para avaliar o papel do português no contexto goês –, chegou mesmo assim a ser usado como língua principal da elite católica “natural” (eticamente indiana), assim como pelos chamados “descendentes”, de origem europeia ou mestiça. Produziu um rico acervo de escritos jornalísticos, científicos e literários que ainda aguarda adequada catalogação e pesquisa. Este é, por sinal, um dos principais objetivos do projeto temático “Pensando Goa”, financiado pela Fapesp (Proc. 2014/15657-8), ao qual os organizadores deste número da revista *Via Atlântica* estão vinculados, como parte do esforço para realizar essa tarefa.

Ao contrário dos britânicos, que estudavam e promoviam as línguas ditas *bhashas* da Índia, com o intuito de constituir uma esfera pública separada dos colonizadores brancos, os portugueses (ao menos no que se refere a decretos e discursos) sempre ambicionaram, entre encorajar e impingir, que os goeses católicos adotassem somente o português, sem contudo tomar medidas eficazes para tanto. Em função disso, o concani foi largamente negligenciado, à exceção do empenho de uns poucos intelectuais naturais, como Waman Rangunath Varde Valaulikar (1877-1947), autor de vasta produção literária naquela língua, ou Sebastião Dalgado (1855-1942), e metropolitanos como Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara (1809-1879), que promoveram a língua consoante projetos políticos diversos e até antagonicos. Dividida em várias formas dialectais, destituída de poder simbólico, acabou por não servir de estandarte a nenhum grupo social específico. Funcionou em larga escala como idioma de família e do dia a dia, sendo, por exemplo, a língua escolhida pela elite católica para expressar seus sentimentos nas letras dos mandós, gênero de música típico de Goa.

A situação do concani mudou rapidamente depois de 1961. Após a independência em 1947, a União Indiana foi reorganizada a partir de 1956 em regiões de cariz linguístico. Quando passou a integrar politicamente a Índia, Goa, para fincar a sua existência separada dentro da configuração daquele Estado, precisou redescobrir sua particularidade linguística, ao menos no plano oficial. Uma das consequências dessa tomada de consciência foi um surto de literatura em concani a partir dos anos de 1960. Em 1975 o concani foi reconhecido pelo estado indiano como língua independente, em 1987 tornou-se a língua oficial do estado

de Goa, na sua versão antruzi em letra nagri, e em 1992 ganhou o estatuto de língua nacional da Índia.

Para nós, que estudamos a literatura goesa de língua portuguesa, urge tornar pelo menos as obras mais emblemáticas e influentes da agora vasta produção em concani acessíveis por meio de traduções. Esse passo, que nos revelaria os principais temas, abordagens, técnicas e ideologias que nortearam aquela produção literária, viabilizaria o estudo comparativo com a produção dos escritores goeses de língua portuguesa, o que entendemos ser fundamental para compreender a real dimensão do universo literário goês em seus vários momentos.

Outra língua de fundamental importância para se compreender o meio intelectual goês e quase completamente invisível àqueles que se interessam pela produção em português é o marata. Essa língua, cujos falantes nativos residem no estado vizinho de Maharashtra, que engloba a metrópole de Mumbai,¹ foi durante o colonialismo português a língua literária de eleição da comunidade hindu, que produziu um rico acervo, quer no espaço público, quer em âmbito privado. Embora ainda muito proeminente em Goa, sobretudo nos meios de comunicação, dispondo de vários diários e periódicos, talvez tenha perdido alguma importância como veículo literário depois da tentativa frustrada, em 1967, de anexar o então território de Goa ao estado de Maharashtra. Essa proposta foi submetida a um referendo e a maioria do eleitorado (54%) votou por Goa se tornar um estado indiano independente. Houve muita produção literária e jornalística em marata descrevendo e analisando o período colonial português, que, por questões linguísticas, está totalmente fora do alcance do pesquisador que só fala português ou inglês, fato que nos lembra a parcialidade inevitável das nossas análises e o reconhecimento das limitações que um crítico deve reconhecer frente a contextos plurilíngues dessa monta. Assim, obras como a novela *Mandovi, Tum Attlis?* (Ó Mandovi, secaste?), de Laxmanrao Sardesai, publicada nos anos de 1930, ou o romance *Bhavin*, de Bakibab Borkar, publicado nos anos de 1950, indisponíveis em inglês ou português, não podem dialogar com nossas análises da produção literária em português. Por falta de traduções para o por-

¹ Batizada primeiramente como Bombaim, em português, ou Bombay, em inglês, seu nome foi alterado somente em 1995 para Mumbai, por ser esta a designação da cidade em marata, língua oficial do Estado de Maharashtra, do qual a cidade é a capital; sem, contudo, deixar de gerar controvérsias entre indianos daquele estado que não têm o marata como língua principal.

tuuguês ou para outra língua de nosso conhecimento, não foi traduzido e reproduzido aqui nenhum conto goês do marata.²

De certa forma, o inglês desempenha hoje em Goa o papel que o português cumpria antigamente, sendo de fato a língua de administração, de ensino (para quem tem a possibilidade de escolher) e dos mais importantes debates da intelectualidade goesa. Os goeses começaram a aprender inglês em maior escala no final do século XIX, quando se deram as primeiras grandes vagas migratórias em direção à Índia e à África Oriental Britânica. À medida que os goeses aproveitavam as possibilidades educacionais e profissionais em espaços onde o inglês era idioma dominante, começavam a despontar escritores goeses de língua inglesa, sendo um poeta como Joseph Furtado (1872-1947), presente em muitas antologias na Índia, considerado com um dos precursores da poesia indiana anglófona. É interessante observar que, se o concani possui uma produção vasta em termos de contos, a maioria dos romances goeses foram escritos em língua inglesa. Hoje em dia os escritores pertencentes a famílias da antiga elite de língua portuguesa escrevem em inglês. A continuidade ou descontinuidade de atitudes e de referências entre estes dois *corpora* é um assunto à espera de ser pesquisado.

O intento desta resumida antologia de contos goeses é apresentar um contributo para o resgate do arquivo em português, assim como abrir possibilidades de diálogo com as literaturas goesas de língua inglesa e concani. Para esse fim, apresentamos dois contos de dois dos melhores contistas goeses de língua portuguesa, publicados originalmente em jornais de Goa e jamais reproduzidos em coletâneas, o que lhes atribui um certo ineditismo. Publicam-se também três traduções para o português de três conceituados escritores de língua concani e inglesa. Como observamos, no contexto de Goa o comparatismo não se pode limitar-se à antiga língua colonial. É preciso colocar o arquivo em português ao lado das outras literaturas goesas. Dado a parca presença de português em Goa de hoje, existe a percepção de que a literatura de língua portuguesa pertence somente ao passado, a uma elite algo desprestigiada, ou somente aos portugueses (ou falantes de português) que podem lê-la, não tendo lugar na Goa

² Temos conhecimento do livro *Novos contos indianos*, traduzidos do marata, com seleção, tradução e notas de Prabhakar Kanedar, publicado pela Agência Cultural de Lisboa, em 1945. Se não houve nenhuma tradução de literatura goesa de língua marata para o português, não foi necessariamente por falta de tradutores, mas possivelmente devido ao conteúdo desses escritos, pouco palatável ao colonialismo português.

atual. Debater essa literatura no contexto do resto da produção literária goesa (e traduzi-la para as línguas mais faladas na região), demonstrando a maneira como explora temas semelhantes de perspectivas distintas, pode acabar por revelar sua pertinência para o leitor goês na atualidade, ajudando a abrir novas perspectivas críticas, além de possibilitar a troca de ideias e de impressões entre públicos diversos.

Talvez o contista aqui traduzido mais próximo do gosto do público contemporâneo seja Eitácio Pais (1928-2009).³ De estilo pujante, até brutal, no que denuncia a influência de uma certa literatura norte-americana, ficou conhecido como o autor de uma coletânea de contos intitulado *Os javalis de Codval*, publicada em Lisboa em 1971, em que retrata fenômenos como a febre do minério que assolou Goa nos anos de 1950 ou os descabros praticados pela elite católica. Embora nunca emita explicitamente juízos de valor sobre suas personagens, Pais é um escritor profundamente interessado (e cético) na condição moral dos seus semelhantes. Autor de mais de uma dezena de contos espalhados pelos jornais de Goa ou mesmo ainda inéditos, muitos deles são de particular interesse para a história literária goesa, pois colocam em cena a Goa dos anos de 1960 e 1970, que em larga medida escapou à representação literária em português. Aqui apresentamos o conto “Contrabandistas”, que se volta para o período colonial. Foi publicado em 1965 no jornal *O Herald*. Na sua introdução a *Os javalis de Codval*, Manuel de Seabra observa que os personagens de Eitácio Pais “se recusam a abandonar os seus contos e aparecem e reaparecem insistentemente, como pretendendo recordar ao leitor a sua existência” (apud PAIS, 1971, p. 10). Em dois dos principais contos dessa coletânea, “História de minas” e “Outra história de minas”, é mencionado um certo agente Faria, aparentemente um policial ou militar metropolitano encarregado de vigiar a fronteira da colônia portuguesa com a União Indiana. No primeiro desses contos o leitor descobre que o plano do protagonista Caetano para contrabandear mercadoria por aquela fronteira foi inviabilizado pela ida do Faria a Codval “para resolver a questão do palmar da devalaia” (ibidem, p. 16) na mesma zona. No conto “Outra história de minas”, continuação do anterior, que se passa tempos depois e resolve o enredo de Caetano, descobre-se que o agente Faria agora “encontrava-se metido

³ Em Goa, tivemos a oportunidade de editar e publicar um romance inédito de Pais, intitulado *Preia-Mar* (2016), publicado pela editora 1556 e resenhado neste número da *Via Atlântica*.

num grande sarilho, andava de orelha caída, em vias de ser transferido, demitido ou coisa pior” (ibidem, p. 151). “Contrabandistas” parece contar algo de que se passou com Faria entre os outros dois contos anteriormente mencionados, além do que estabelece uma provocante ligação entre o comportamento de Caetano e as aparentes atitudes de Faria, supostamente o representante da ordem e da justiça portuguesas que a ele se opõe. São “aparentes atitudes” porque “Contrabandistas” não conta o que se passou com Faria; limita-se a sugerir.

Aqui encontramos uma técnica muito recorrente nos contos de Pais não incluídos em *Os javalis de Codval*, como “Sangue na praia” ou “Os ratos”, revelando um certo virtuosismo técnico. A chave de toda a história está no título. São vários os críticos do conto que defendem que o conto sempre envolve duas histórias, uma relatada abertamente e outra presente somente nas entrelinhas (ver, por exemplo, PIGLIA, 2011, p. 63). Neste caso, é o título que indica a possível existência de alguma negociação entre Faria e o temido *freedom fighter*⁴ Vassanta, que estaria envolvido com contrabando, fazendo com que nem o agente justiceiro, nem o político rebelde sejam o que supostamente aparentam ser. Sugere-se, ao final, que Faria não teria matado Vassanta, permitindo que Jilá, a namorada do *terrorista* sequer chore no dia em que sucede seu assassinato. Aqui, como no excelente conto “Um português em Baga”, Pais demonstra não só sua rejeição ao discurso colonial português, mas também seu distanciamento a certas vertentes do contradiscurso anticolonialista.

Já Maria Elsa da Rocha (1924-2007) dedicou mais atenção à experiência das mulheres em Goa. Ora suas histórias focam os subalternizados do território – os *mundkars* (trabalhadores do campo), os *ghantis* (migrantes de além da cordilheira das Gates), as peixeiras, entre outros. Mas também possui contos que privilegiam a vida e a experiência da elite católica, na qual tem origem sua família. O título do conto aqui reproduzido, “Êtê, êtê, Morhà”, que em concani significa “o pavão vem vindo”, foi retirado de uma cantiga infantil que ensina as crianças a lidar com números. Foi publicado no jornal *A Vida*, no Dia das Mães⁵ de 1964.

⁴ Designação que se dava àqueles que lutavam pela independência da Índia e, no contexto goês, àqueles que lutaram pelo fim do colonialismo português em Goa.

⁵ Vale notar que na Goa pós-1961 o Dia das Mães passou a ter a data fixa de 10 de maio, e não o primeiro domingo desse mês, como em Portugal, ou o segundo domingo, como no Brasil, sendo muito comum entre os goeses publicar contos em datas comemorativas como essa, como no Natal, no Ano Novo, entre outras.

Enquanto D. Laura é mulher que preza os mínimos valores de sua classe e casta, sua filha Fatiminha, uma adolescente, parece ser a representante da nova geração goesa. No conflito entre gerações que ocorre no conto, há uma evidente denúncia da tentativa, por parte da educação formal das elites católicas goesas, em excluir o concani e os hábitos indianos de seu cotidiano, revelando, em contrapartida, o quanto tais aspectos culturais se encontravam profundamente arraigados mesmo no interior daquela elite, o que se faz no conto a partir da relação entre Fatiminha e sua avó. A intimidade que se estabelece entre ambas, numa atitude transgressiva em relação aos valores caros à mãe, fortemente ligada aos preceitos e preconceitos da elite a que pertencia, revelam a ambiguidade e contradição em que viveu essa elite não somente no final do colonialismo português, mas durante todo o período colonial.

Natural de Bombaim, Manohar Shetty (n. 1953), escritor de língua inglesa, vive há largos anos em Goa. Conhecido por sua poesia intimista, já publicou diversas coleções que mereceram excelente recepção crítica. Também é autor de contos, vários dos quais estão ambientados em um fictício *colony* (como são chamados os condomínios em Goa) de Saint Jerome, em Dona Paula, bairro ao sul da capital Pangim, onde o autor reside. Embora reflitam alguns dos temas presentes em seus versos – tais como a solidão, o tédio, o *ennui* do cotidiano –, os contos de Shetty desenvolvem a sátira de costumes, muito presente na literatura goesa desde Francisco João da Costa (1959-1900), passando por José da Silva Coelho (1889-1944) e continuando até Augusto do Rosário Rodrigues (1911-?), um dos últimos contistas goeses de língua portuguesa. O conto publicado aqui, “Senhor Segundamão” (“Mr Secondhand”, no original), apresenta-nos um pacato goês retornado da Beira, em Moçambique, conhecido pelos seus vizinhos por sua parcimônia. Apesar de avançado na idade, e da má língua dos seus vizinhos, casa-se com mulher de sua idade e encontra o seu pequeno pedaço de felicidade.

Os últimos dois contistas são de língua concani. As traduções foram feitas a partir das versões em língua inglesa realizadas por Augusto Pinto, cuja colaboração e esclarecimentos sobre a biografia dos autores muito agradecemos. Hoje em dia, são pouquíssimos aqueles que podem traduzir do concani para o português, uma vez que a língua portuguesa tem se tornado cada vez mais desconhecida por falantes do concani. Isso nos obrigou a utilizar o inglês como

língua ponte para trazer para este número da *Via Atlântica* obras de Damodar Mauzó (n. 1944) e de Soter Barreto (n. 1944).

O primeiro é um vulto maior da literatura goesa de língua concani, tendo desenvolvido uma vasta atividade como romancista, crítico e roteirista de cinema. É considerado o maior contista goês da atualidade. Tem publicado inúmeros livros e contribuído com diversas publicações em Goa, assim como no resto da Índia e ao redor do mundo. Seu conto “O homem de Teresa”, originalmente escrito e publicado na década de 1970, é uma de suas histórias mais conhecidas, mostrando a evolução da mobilidade da mulher na Goa pós-1961 e as atitudes patriarcais que demoram a mudar e que, neste território como em muitos lugares do mundo, ainda não se transformaram suficientemente. Em 2015, sua coletânea *Teresa’s man and other stories from goa*, na tradução para o inglês de Xavier Cota, foi indicada para o Frank O’Connor International Short Story Award, que visa premiar o melhor livro de contos do ano.

Soter Barreto já é menos conhecido do grande público, mas nem por isso revela menor qualidade. cursou até o quinto ano do liceu português, fez carreira na função pública depois de 1961 e foi muito ativo no movimento em prol do concani, desempenhando papéis importantes em várias associações dedicadas à promoção dessa língua. Publicou em diversos periódicos e fez leituras transmitidas pela All-India Radio. O conto aqui reproduzido intitula-se “O africanista”; no original concani, “Afrikanist”, evidentemente uma adaptação do termo português, que se referia a alguém que estava ou tinha estado como emigrante na África, quer britânica, quer portuguesa. Um africanista, já de meia-idade, volta da África casado com uma bela jovem e logo tem um filho. O conto gira em torno da possibilidade de o filho ser de fato dele ou não. Como em muitos outros contos goeses do período pós-1961, está presente o tema da ilegitimidade, aqui com efeitos humorísticos, mas não desnudado de um certo teor político num contexto em que hierarquias e atitudes de casta, baseados em filiação, estavam no centro do debate.

Esperamos que a presente coletânea desperte o interesse de críticos e pesquisadores da literatura para a produção literária goesa, assim como contribua para que o leitor de língua portuguesa tenha aqui um estímulo para refletir sobre as conexões entre aquelas diferentes tradições literárias.

Referências

- MAUZÓ, Damodar. *Teresa's man and other stories from Goa*. Trad. de Xavier Cota. New Delhi: Rupa Publications, 2014.
- PAIS, Epiácio. *Os javalis de Codval*. Lisboa: Editorial Futura, 1971.
- PIGLIA, Ricardo. Theses on the short story. *New Left Review*, 70, p. 63-66, jul-ago. 2011.